

Expansão turística e dinâmicas espaciais urbanas na região Nordeste do Brasil e no Caribe Mexicano.

Lea Carvalho Rodrigues (UFC)

Resumo: Para o desenvolvimento do turismo de massa é central o controle sobre os espaços que disponham de atrativos que impulsionem a referida atividade e que possibilitem a construção de infraestrutura compatível com as demandas do setor. Os espaços privilegiados são os acervos naturais, culturais e históricos, dentre outros. A partir dos dados de pesquisa etnográfica sobre os processos de turistificação, com foco na configuração espacial do turismo na região do Caribe Mexicano (Riviera Maya e Isla de Cozumel) e na costa litorânea do nordeste do Brasil (Roteiro turístico que vai de Jericoacoara, no Ceará, a Barreirinhas, no Maranhão) pretende-se apresentar e discutir diferentes processos de apropriação espacial em razão da expansão turística nessas localidades. Os resultados provenientes das referidas pesquisas, bem como o acesso a dados constantes da bibliografia internacional sobre o tema, informam sobre a ocorrência constante de disputas territoriais, deslocamentos populacionais e fortes impactos ambientais, nesses processos. O propósito desta apresentação é, portanto, trazer à reflexão dados procedentes de diferentes experiências, nacionais e internacionais, com atenção às especificidades locais, problematizando a importância do Estado e suas instituições na condução das políticas de incentivo ao turismo como estratégia de desenvolvimento.

Palavras-chave: turismo, espaço urbano, cidades-turísticas.

Introdução

Neste artigo apresento diferentes processos de *turistificação* vividos por cidades localizadas na costa litorânea do estado de Quintana-Roo, no México, e na costa ocidental do litoral do estado do Ceará, no Brasil, com o intuito de contribuir às discussões sobre o turismo em espaços urbanos. Meu objetivo é, de forma mais específica, produzir aportes comparativos das diferentes dinâmicas espaciais urbanas apreendidas nesses dois contextos, elegendo, em cada país, uma cidade de grande porte (Fortaleza, no Brasil, e Cancún, no México) e outra de pequeno porte (Jericoacoara, no Brasil, e Cozumel, a principal ilha do caribe mexicano). Com este exercício comparativo almejo contribuir para as discussões no campo dos estudos sobre cidades, no Brasil.

Os dados etnográficos aqui apresentados são fruto de dois projetos de pesquisa desenvolvidos, um no Brasil, intitulado *Antropologia e Políticas Públicas: incentivo ao turismo no extremo-oeste da costa cearense e efeitos sobre populações locais*; outro no

México, intitulado: *Efeitos do turismo sobre populações locais: estudo etnográfico da Ilha de Cozumel, na Riviera Maya, México: uma comparação com a costa cearense do Brasil*.

As pesquisas referentes ao primeiro projeto, no Brasil, realizam-se desde 2008 etnografando localidades situadas ao longo do roteiro turístico denominado *Rota das Emoções*, premiado em 2009 como o melhor roteiro turístico nacional. O trajeto inicia-se em Jericoacoara, no Ceará, e termina em Barreirinhas, no Maranhão. No seu percurso atravessa três estados: Ceará, Piauí e Maranhão, e três Parques Nacionais: Jericoacoara, Delta do Parnaíba e Lençóis Maranhenses

Os dados de pesquisa referentes ao segundo projeto (pesquisa realizada no México) são fruto das atividades por mim desenvolvidas em estágio pós-doutoral no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social - CIESAS, no ano de 2011. O objetivo foi realizar uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, na Ilha de Cozumel, situada ao norte do estado de Quintana-Roo, no México, com a finalidade de compreender as configurações socioespaciais e culturais geradas pelo processo de *turistificação* da região e seus efeitos sobre a população local para, posteriormente, realizar uma comparação com as pesquisas realizadas na costa cearense brasileira.

Em primeiro lugar, digo sobre o lugar ocupado pelo turismo na dinâmica do capitalismo contemporâneo, conforme enfatiza a bibliografia internacional sobre o tema, apresentando-o em suas múltiplas dimensões: econômicas, sociais, culturais e ambientais, com ênfase às relações de poder que perpassam os tempos e espaços do turismo e das localidades turísticas. Em seguida, faço uma abordagem específica sobre cidades turísticas, quando serão expostos os dados etnográficos sobre as cidades referidas anteriormente, nos dois contextos. Por fim, faço considerações sobre o tema a partir do material coletado e apresentado.

O turismo na dinâmica contemporânea do capitalismo mundial

A bibliografia internacional sobre o tema expressa uma posição consensual sobre o lugar do turismo no mundo contemporâneo. É visto como uma das mais importantes atividades econômicas na dinâmica atual do capitalismo. Como informam os dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), os lucros de exportação gerados pelo turismo internacional atingiram, em 2013, o montante de US\$ 1,4 trilhão e os lucros auferidos pelos destinos de recepção de turistas internacionais cresceu 5%,

atingindo US\$ 1,159 bilhão. O turismo internacional em 2013 respondeu por 29% do total mundial de lucros com serviços de exportação e 6% sobre o total mundial de exportações de bens e serviços (UNTWO, 2014).

Para além dos números que expressam a avaliação econômica dos resultados da atividade, a expressividade do fenômeno turístico está na amplitude de atividades e setores que movimenta. Como bem definem Lopez e Marín (2010), o turismo concerne a uma verdadeira indústria global que envolve uma ampla e diversificada cadeia produtiva que articula países, economias, territórios e culturas, gerando crescente mobilidade de capitais e definindo pautas de desenvolvimento. Assim, no processo de seu desenvolvimento, segundo o autor, o turismo transforma os lugares, articulando ao econômico os processos políticos e culturais do mundo globalizado em que vivemos.

Vale destacar que o crescimento da indústria turística em todas as regiões do globo é recente; iniciou-se na década de 1970, quando o Banco Mundial (BM) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) passaram a incentivar os países do terceiro mundo dotados de fortes atrativos naturais e culturais a investir na atividade turística como estratégia econômica de desenvolvimento¹. Ou seja, houve um direcionamento do aporte de recursos para esta atividade, o que levou países que possuem riquezas naturais e patrimônio cultural material e imaterial propício ao desenvolvimento das atividades turísticas a voltar-se de forma privilegiada ao investimento neste setor da economia².

Na América Latina, os países da região da América Central e Caribe foram os primeiros a acatar essas orientações. O México tornou-se o caso paradigmático no estudo do turismo em países em desenvolvimento, uma vez que na década de 1970 elaborou uma política nacional de turismo intensiva que o tornou, no presente, sua terceira maior fonte de divisas³.

Além do México, há dezenas de ilhas na região do caribe (Cuba e Jamaica, as mais procuradas, segundo os últimos relatórios da Organização Internacional do Turismo – OIT, além de Bahamas, Barbados, Bermudas, Curaçao, e outras), bem como

¹ Meethan (2001, p.39) afirma que a estética do lugar é o maior fator na mercantilização do espaço e a produção do espaço é então uma forma de economia simbólica. Dizem ainda Mowforth, Charlton e Munt (2008 p.13) que dentre os principais atrativos aos turistas vindos dos países desenvolvidos, sobretudo jovens, estão as jornadas na selva, os ecossistemas e populações exóticas.

² O BID realiza parcerias com os governos dos países pobres ou em desenvolvimento que têm atrativos turísticos. No caso brasileiro, o Ministério do Turismo (Mtur) capta recursos internacionais (BID, CAF) e realiza parcerias com governos estaduais e municípios, como é o caso do Programa de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR).

³ A respeito do desenvolvimento do turismo no México, a obra de referência é Clancy (2001).

países da América Central: Guatemala, Belize, Costa Rica, El Salvador, Honduras, Nicarágua e Panamá.

Quanto ao Brasil, como já abordei em outro artigo (Rodrigues, 2013), embora desde meados do século passado o turismo tenha sido visto como uma atividade importante para a economia nacional, apenas nos anos 2000 se tornou uma política de governo claramente institucionalizada. A criação da EMBRATUR em 1966 indicou a importância dada à atividade pelo governo brasileiro, uma vez que ocorria exatamente no início do período ditatorial, que viria a ser marcado por fortes políticas de desenvolvimento em um ambiente impulsionado pelas ideologias nacionalistas. No entanto, o estancamento econômico experimentado pelo país na década de 1980, a chamada década perdida, e o processo de difícil solução da crise econômica mundial iniciada em 1973, não foram favoráveis ao seu pleno desenvolvimento⁴.

Assim, entendo que uma forte aposta no turismo como estratégia de desenvolvimento se delineou claramente a partir dos anos 2000, com a criação do Ministério do Turismo (Mtur) em 2003, a promulgação da Lei do Turismo em 2008, bem como a edição trienal do Plano Nacional do Turismo (PNT). E, neste sentido, difere substancialmente do caso mexicano, já que aquele país elegeu o turismo como estratégia de desenvolvimento e item central em sua economia nos anos 1970. O PNT referente ao período 2013-2016 volta-se, prioritariamente, para os megaeventos já em andamento, tendo afirmado o ministro daquela pasta que “o desempenho do Brasil como anfitrião desses encontros será decisivo para realizar a meta do PNT de transformar o Brasil no terceiro maior PIB turístico do mundo até 2022” (BRASIL, 2013).

Entretanto, o turismo como estratégia de desenvolvimento tem sido criticado por muitos dos estudiosos do tema. Os dados provenientes de pesquisas realizadas em países que fizeram a opção do turismo como atividade central de sua economia, mostram aspectos positivos, como aumento das oportunidades de emprego e a abertura de nichos de mercado, mas também um número elevado de prejuízos advindos da atividade, sobretudo no caso do turismo de massa. Primeiro, constata-se que os incentivos ao desenvolvimento do turismo, nesses países, vêm favorecendo principalmente os grandes investidores estrangeiros: as grandes companhias de

⁴ Para uma apreciação mais detalhada do desenvolvimento do turismo no Brasil, ver Becker (2001); Beni (2006).

cruzeiros, as *tour operadoras*, as redes hoteleiras de grande porte, todas de capital externo a esses países⁵.

Mesmo os benefícios com a melhoria dos meios de transporte, energia, saneamento básico e estradas, muitas vezes ficam prejudicados como mostram estudos realizados nos países do Caribe, onde grandes resorts negociam com os governos locais e constroem eles mesmos suas plantas elétricas, de tratamento de água e resíduos sólidos, de modo que a maior parte da população local fica à margem desses itens essenciais⁶. Sobre a expansão do emprego formal, EL-Alaoui (2007) afirma que as grandes empresas abarcam a quase totalidade dos empregos gerados pela atividade turística e forçam os países receptores a atenderem as suas demandas. Constata ainda o autor que toda a rede de serviços – hotelaria, transportes terrestres e aéreos, parques temáticos e outras atividades recreativas – estão nas mãos das multinacionais ocidentais. A pouca transferência de tecnologia aumenta a dependência de bens e serviços produzidos nos países industrializados, de forma que a maior parte dos ganhos auferidos com a atividade turística retorna aos países ricos. Há ainda elementos que afetam fortemente a economia de países sem diversificação do setor produtivo, como é o caso de países da América Central e Caribe. Isto porque, ao direcionar os recursos públicos para obras de interesse turístico os governos deixam de aportar investimentos em outras áreas, como agricultura, educação e saúde, por exemplo.

Um ponto da mais alta relevância diz respeito aos conflitos fundiários gerados pela atividade. O turismo depende fundamentalmente de espaços turísticos, que são notadamente de duas dimensões: espaços-natureza e espaços-patrimônio. Os espaços-natureza, tanto praias, como montanhas e parques naturais, são áreas predominantemente ocupadas por populações de pescadores artesanais, no caso das áreas litorâneas, e de agricultores e coletores que praticam uma agricultura de subsistência, no caso das áreas naturais e montanhas. Em ambas as situações o comum é que os grandes investidores, quando não o próprio Estado, promovam o deslocamento forçado das populações que residem nas áreas foco do turismo. No caso do México, toda a área de costa da Riviera Maya, antes ocupada por pescadores, é hoje local de grandes resorts e parques temáticos, tendo ocorrido o deslocamento de povoados

⁵ A respeito ver Kadt (1979); Mowforth, Charlton; Munt (2008).

⁶ Mowforth, Charlton e Munt (2008) se valem dos resultados de pesquisas sobre turismo realizadas em todas as regiões do mundo. A região do Caribe, dadas as características particulares de sua geografia, belezas naturais, inserção no turismo internacional e alto índice de procura, é fortemente representada nas análises efetuadas pelos autores.

inteiros de origem maya para áreas mais interioranas, inclusive áreas que correspondiam a *ejidos*, que é o nome dado às terras comunais resultantes do processo da reforma agrária realizado naquele país⁷.

Rodrigues (2006) aponta similitudes entre o modelo de turismo de massa desenvolvido nos países do terceiro mundo, ou em desenvolvimento, desde os anos 1970, e o modelo que vem orientando o crescimento do turismo na região Nordeste do Brasil, que já chegou a ser denominado Caribe brasileiro, como foi o caso do complexo turístico Costa do Sauípe, na Bahia⁸.

Considero, ainda, que para o caso brasileiro as questões territoriais são especialmente conflituosas em razão de problemas estruturais à sociedade brasileira: a não resolução da questão agrária; 2) a ausência de mecanismos claros que garantam os direitos das populações tradicionais, como previstos em lei; 3) as fortes desigualdades sociais que se traduzem em diferenciais de poder na arena política e nas instâncias públicas.

Outro ponto diz respeito à constatação de que o investimento maciço em turismo tem redirecionado a mão de obra barata desses países, gerando fortes processos migratórios internos com esvaziamento das áreas rurais e inchamento das cidades voltadas ao turismo. Além disto, o crescimento do emprego nesses países se concentra majoritariamente em prestação de serviços de baixa remuneração. Em razão da sazonalidade do turismo um grande contingente populacional que vive desta atividade fica sem trabalho nas épocas de baixa temporada. Países de economia pouco diversificada, muitas vezes restritas ao setor primário, podem então ver diminuída a produção de bens básicos, como é o caso da agricultura, e, em razão disto, aumentam a dependência também na importação de bens primários.

Há que se considerar, ainda, o aumento da violência, da prostituição (sobretudo infantil) e do tráfico de drogas nas áreas turísticas. Fenômeno que ganha índices alarmantes em países da Ásia como Tailândia, Filipinas e Vietnã, a prostituição via

⁷ A eclosão da revolução mexicana em 1911 tinha a questão agrária como ponto central e este também foi o principal quesito na realização de um pacto que restabelecesse a paz naquele país ao final daquela década. O artigo 27 da Constituição mexicana de 1917 deu ao poder executivo a tarefa de regulamentar a repartição das terras até então em mãos das oligarquias, que resultavam em uma grande concentração latifundiária. Para maiores informações sobre a questão agrária no México durante o século XX vide Warman, (2002).

⁸ Trata-se de um conjunto de resorts inaugurado no ano 2000 e planejado para ser o maior centro integrado de turismo do país (ALBAN, 2006). Ali, como em outros pontos da costa nordestina, houve expulsão de moradores nas áreas próximas ao mar e aos rios e os espaços foram ocupados pelas obras do complexo turístico (SOYAMA, 2006).

turismo sexual cresce nos estados da região Nordeste do Brasil, assim como em países africanos e outros países da América do Sul (EL-ALAOUI, 2007 p.147).

Outro ponto relevante que emerge dessas críticas acadêmicas é que o turismo, nesses países, estimula o fluxo de turistas estrangeiros, ou seja, são os turistas dos países ricos que, atraídos pela valorização de sua moeda em relação à dos países receptores, vêm usufruir de um lazer barato e, portanto, bastante vantajoso, estimulando a criação de empregos, atividades mercantis como a de alimentos e a produção artesanal, mas que trazem pouco retorno aos pequenos produtores, além da sobrevivência.

Além do mais, torna essas economias dependentes desses turistas estrangeiros vindos preponderantemente dos países mais ricos, acirrando a dicotomia entre Norte e Sul, e qualquer fator, como, por exemplo, ocorreu com a crise mundial de 2008, impacta fortemente esses países, em razão da diminuição do fluxo turístico. Todos os países da região do Caribe foram fortemente afetados pela crise, o México em especial, porque mais de 70% dos turistas que adentram este país são norte-americanos. Em razão disto é que nos últimos anos o governo mexicano vem se voltando à difusão do país e à concretização de acordos com os chamados países emergentes como China, Brasil e Índia.

O turismo também cria a necessidade de investimento continuado dos governos, de recursos vultosos, para a manutenção e recuperação do seu patrimônio histórico e arqueológico, o que, quando nos referimos a países com situação socioeconômica precária, significa o deslocamento de recursos de áreas prioritárias para essas atividades.

Claro, há experiências positivas, como as fundadas na ideia de turismo sustentável e/ou comunitário. Mowforth e Munt (1998) indicam como experiência positiva o Programa de Turismo Cultural criado na ilha St. Lucia com a intenção de estimular uma melhor distribuição dos benefícios do turismo, como um novo sub setor do turismo já existente, de forma a encorajar os turistas a permanecer mais tempo na ilha e gastar mais dinheiro em comunidades que têm uma estrutura oposta à dos resorts.

Os aspectos acima elencados serão abordados na exposição que se segue, sobre as cidades que são o foco empírico deste artigo.

Cidades turísticas e turismo em espaços urbanos

O primeiro ponto que levanto neste tópico é um questionamento sobre o próprio título desta seção. Afinal, cidades turísticas e turismo em espaços urbanos expressam os mesmos fenômenos? Pode uma expressão ser substituída pela outra?

Não encontrei uma obra que se voltasse especificamente sobre esta questão, mas percebo da leitura bibliográfica sobre turismo que se usa indiscriminadamente uma ou outra expressão, sendo que, quando se referem a turismo em espaços urbanos, normalmente os autores estão se referindo a grandes metrópoles (MEETHAN, 2001). Fica, então, colocada a questão.

Outras perguntas que me surgem à mente são: Que cidades são essas as denominadas de turísticas? Há características comuns entre elas? Quais as diferenças? Seria possível construir uma tipologia?

Espero que as características das cidades que serão aqui abordadas: Fortaleza, Cancún, Cozumel e Jericoacoara, possibilitem uma solução para essa e outras questões.

Cancún, ou a construção do paraíso

Cancún é denominada cidade, mas é uma localidade pertencente ao município de Benito Juarez. Situa-se no extremo Norte do estado de Quintana-Roo, na Península de Yucatán, sendo banhada pelo Mar Caribe. Ao se adentrar o mar em direção Leste, chega-se a Sandino, o município mais a ocidente da Ilha de Cuba da qual dista 181,62 milhas, ou 292,29 quilômetros.

Dados do Instituto Nacional de Geografía y Estadística (INEGI)⁹, referentes ao Censo 2010, informam que o município de Benito Juarez conta com 661,176 habitantes distribuídos em 2.100,71 quilômetros quadrados (que representam 5% da superfície do estado), e embora tenha 470 localidades, a concentração populacional é em Cancún, que representa quase 50% da população total do estado de Quintana-Roo. No entanto, a zona urbana ocupa apenas 3,79% da superfície do município. Este praticamente não dispõe de áreas agrícolas (em 95,83% da área), contando apenas com selvas, bosques, vegetação secundária, mangues (5,12%) e 0,09% de áreas sem vegetação. Ou seja, Cancún é uma cidade de porte médio, e, como ficará claro mais adiante, com todos os problemas encontrados nas grandes metrópoles, destacando-se o tráfico de drogas e a prostituição.

A zona hoteleira, a sua maior atração turística, é chamada Isla Cancún; é onde se localizam aproximadamente 145 resorts e hotéis de alta categoria, construídos de forma portentosa, totalizando 30,608 quartos, o que indica uma média de 211 quartos/hotel¹⁰.

⁹ Ver <http://www3.inegi.org.mx/sistemas/mexicocifras/default.aspx?e=23>. Consultado em: 30/05/2014.

¹⁰ Este é um dado importante porque o número de hotéis é menos representativo que o de quartos. Cozumel, por exemplo, dispõe de 45 hotéis, mas a média de quartos por hotel é 91,06.

Dados da Secretaria de Desenvolvimento do Turismo do Estado de Quintana-Roo (SEDETUR-QROO) informam, ainda, que Cancún em 2013 teve uma taxa de ocupação hoteleira entre 70 a 80%, sendo que no ano de 2014 os números ultrapassaram os 80% em todos os meses, com pico no mês de fevereiro, quando atingiu 87,6% de ocupação¹¹. Informam, ainda, os dados que 44% dos turistas que chegam ao estado de Quintana-Roo tem como destino Cancún, enquanto 43% dirigem-se a outras localidades da Riviera Maya e os demais 13% a outras localidades do estado.

Cancún foi uma cidade turística integralmente planejada e construída para exploração dessa atividade econômica. Desde 1968 o país procurava agir de forma mais sistemática e com mais planejamento na área do turismo¹². Clancy (2001) trata de compreender as condições que levaram o México à opção do turismo de exportação e suas consequências e vê o processo como resultante da política de substituição de importações, soluções que ele considera impostas por agentes internacionais, reportando-se claramente às orientações dadas pelo Banco Mundial nos anos 1990. A esse respeito, Lara Gaitán (2009) considera importante entender o contexto que levou a essas orientações, ou seja, a importância da crise do petróleo dos anos 1970 (lembremos que o México tem no petróleo a sua primeira fonte de divisas) e as consequências funestas para os anos 1980, pelo menos para o México que era um grande exportador, com a queda drástica dos preços. O endividamento externo a que foram levados os países subdesenvolvidos reduzia as perspectivas de desenvolvimento e, somados ao déficit da balança de pagamentos, à instabilidade monetária e às elevadas taxas de inflação, gerava crises econômicas em razão da necessidade de pagamento dos serviços das dívidas externas, sempre em ascensão.

Analisa Clancy (2001) que no caso do México, foram características muito particulares que em razão da situação econômica do país e do contexto internacional, “levaram ainda nos anos 1960 os *policymakers* a buscar novas oportunidades de exportação” (p.17). Diz o autor que isto não explica porque o turismo foi escolhido ou um esquema específico foi implantado. Como tal, para o autor a relação entre estímulos e o papel do Estado é indireta. Mas julga importante enfatizar a escolha de políticas

¹¹ Sobre o número de hotéis em Cancún e Cozumel ver: <http://sedetur.qroo.gob.mx/estadisticas/indicadores/2013/Indicadores%20Turisticos%20Diciembre%202013.pdf>. Consultado em 01/06/2014. Sobre a taxa de ocupação hoteleira ver <http://sedetur.qroo.gob.mx/index.php/estadisticas/ocupacion-hotelera>. Consultado em 01/06/2014.

¹²

feitas pelos agentes do Estado assim como a habilidade dos mesmos para implementá-las.

A política de turismo foi entregue ao Banco do México ainda ao final dos anos 1960, e a partir deste banco e dos banqueiros que dele faziam parte, foi que se gestou a criação, em 1969, do Fondo de Promoción de Infraestructura Turística (INFRATUR), como um mecanismo financeiro para fomentar a atividade e o desenvolvimento de novos destinos e polos turísticos. Em seguida, foi criado o Fondo de Garantía do Turismo (FOGATUR) e, finalmente, em 1970 o Fondo Nacional de Fomento al Turismo (FONATUR) que centralizou todas as atividades relacionadas à política mexicana de turismo: a localização de oportunidades, mapeando os possíveis centros turísticos para o país; o planejamento do turismo a nível nacional; o gerenciamento do financiamento, com realização de contratos e com o suporte de uma instituição financeira pública, a Banobrás; também a divulgação do turismo mexicano, sobretudo no plano internacional, bem como a coordenação e criação de políticas para o setor. Para Lara Gaitán (2009), a justificativa da escolha de Cancún e a realização do Projeto Cancún se deram sob o argumento das belezas excepcionais das praias ali existentes, as a qualidade dos atrativos naturais; a ausência relativa de assentamentos humanos (havia uma ocupação muito pequena de pescadores e suas famílias), e a proximidade de fontes de abastecimento de água.

Os esforços do governo mexicano para a realização do projeto Cancún (1970) foram maciços, destinando o governo 42% do orçamento de FONATUR para a construção da cidade (Lara Gaitán, 2009 p.168). Dizem os autores que o financiamento se deu com 64% de recursos provenientes do Estado (sendo 23,54% de recursos do BID) e 32,81% proveniente da venda de terras ao capital turístico, sobretudo internacional. Inclusive, os primeiros hotéis foram construídos pelo Estado mexicano para depois atrair a iniciativa privada. Seu Plan Master definia as características do centro turístico, como se distribuiriam as ruas e se formaria a zona urbana, a zona comercial, os serviços de água, luz e telefone, com características específicas para as construções que se dariam nas diferentes zonas.

Claramente se delimitavam duas cidades: a Cancún turística e a dos trabalhadores. Até mesmo pela escolha da zona hoteleira, uma quase-ilha estreita e alongada que, com a construção de pontes, ganhou ligação direta ao aeroporto e à zona urbana, mas que, na forma como foi planejada, não obrigava o visitante a conhecê-la. Esta zona urbana abrigava tanto os trabalhadores que ajudaram a construí-la como

aqueles que se instalariam posteriormente para dar suporte às necessidades da zona hoteleira e dos moradores. (Lara Gaitán, p.174-175). Tal como ocorreu com a construção de Brasília, uma grande massa de trabalhadores passou a viver em acampamentos durante o período das obras, muitos se acomodando de forma irregular, e, ao longo do tempo, se formou uma terceira Cancún que o autor caracteriza como marginal.

Outro elemento importante, pouco comentado pelos autores acima referidos, são os aspectos culturais da região onde se instalou Cancún. Quanto a este ponto, os antropólogos Pi-Sunyer, Brooke e Daltaubuit (2001, p.122-140) fazem uma sintética e rica abordagem sobre o passado histórico da região e a situação presente, sobretudo as consequências do Projeto Cancún. Habitada apenas por populações indígenas até o século XVI, com preponderância dos mayas, a região onde hoje se encontra o Estado de Quintana Roo conseguiu manter sua herança cultural, assim como a ecológica, até o século XX, em razão das dificuldades que o Estado Mexicano sempre encontrou para administrá-la e dominá-la, seja em razão da distância do governo central, seja pelas características específicas de sua ecologia: coberta por florestas e foco de resistência das populações mayas ali estabelecidas. Vale ressaltar o fato que desde a colonização espanhola, a região, que a princípio parecia de grande importância (Os colonizadores espanhóis adentraram o México a partir dessa região) perdeu centralidade em razão da ausência de metais preciosos e a descoberta de ouro e prata na região central do país.

A constatação dessa herança cultural quase intocada, de populações indígenas e ruínas arqueológicas contribuiria para agregar valor à região como destino turístico. Mas, como enfatizam os autores, o fato de que o turismo de massas ocorre especialmente em enclaves como os resorts de Cancún, sobretudo com o sistema *all inclusive* que retém os hóspedes nos hotéis oferecendo-lhes lazer e alimentação em ambientes fortemente seguros e controlados, torna essas tradições culturais objeto de estilização de forma que, para os autores, as férias em Cancún “tem mais em comum com o Sul da Flórida do que com qualquer coisa mexicana” (Idem, p.129).

Ao mesmo tempo, os autores ressaltam que o turismo de massa que se instalou em Cancún, e posteriormente na Riviera Maya, provocou profundas mudanças sobre cultura e ambiente. Destacam como consequência da penetração do turismo na vida maya: a transformação na organização social, na demografia, nas formas de trabalho e emprego, na alimentação e na saúde. Analisam, também, a influência da mídia no aumento do consumo e mudanças no ambiente político no Sul do México.

Com o turismo a região passou a receber pessoas vindas de todas as partes do México, em busca de trabalho, tornando-se os mayas uma minoria que tem que competir com trabalhadores urbanos mais qualificados e agressivos na busca de emprego (os mayas tem a agricultura como principal atividade produtiva). Como dizem os autores, “a realidade concreta é complexa, fluida e socialmente e culturalmente pouco nítidas” (PI-SUNYER, BROOKE; DALTABUIT, 2001, p.126). Restam vilas predominantemente habitadas por falantes de maya, enquanto em outras ocorre o êxodo dos jovens a Cancún, Cozumel ou Riviera Maya em busca de trabalho no turismo. A continuidade das culturas agrícolas mayas tradicionais, sobretudo o plantio do milho, do qual existem inúmeras espécies, corre perigo em razão deste êxodo. Quando de meu trabalho de campo, ouvi de muitos a preocupação com a mecanização da agricultura e a perda das inúmeras espécies cultivadas do milho pela substituição por milho transgênico.

Outro ponto crucial para uma reflexão sobre cidades turísticas e espaço urbano é o crescimento urbano, o inchamento das cidades em razão do desenvolvimento e expansão da atividade. No caso de Cancún, a área que corresponde à zona urbana (excetuando-se a zona hoteleira) foi estimada a abrigar uma população de aproximadamente 200 mil habitantes para o ano 2000, mas esta área se vê hoje com uma população que ultrapassa o triplo do planejado. Inicialmente foi reservada para a zona urbana uma área de 3,699 hectares, mas em 2002 já havia ultrapassado os 4,000 hectares (Lara Gaitán, 2009, p.168-181). Desta forma, ainda que tenha sido uma cidade planejada e localizada em uma região antes praticamente deserta, enfrenta os mesmos problemas de outros grandes centros urbanos: crescimento acelerado e desordenado, deterioração da qualidade de vida e do ambiente, falta de habitações com o crescimento das ocupações irregulares, aumento da população em situação de marginalidade social e, como consequência, o aumento da violência.

Fortaleza: a cidade transformada¹³

Fortaleza é a capital do estado do Ceará, um dos nove que compõem a região Nordeste do país. É uma região que, à parte sua diversidade, tem em comum, dada a sua localização próxima à linha do Equador, o clima quente em todo o ano, sol e praias de

¹³ Sobre o histórico da cidade de Fortaleza ver: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=230440&search=ceara|fortaleza|infograficos:-historico>. Consultado em 01/06/2014.

areias finas e brancas; dunas fixas e móveis nos estados que ficam mais ao Norte como Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão. Também é esta a região que concentra os mais altos índices de pobreza, ou seja, os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH)¹⁴ do país. É a segunda cidade mais populosa da região Nordeste e a quinta do país. Os dados do último Censo (IBGE, 2010) revelam que Fortaleza tem uma população de 2.452.185 habitantes, distribuídos numa área de 314,930 quilômetros quadrados, o que indica uma densidade de 7,786 hab/km²¹⁵. Seu IDH, de 0,754 coloca a cidade bem posicionada, mas tendo em conta o crescimento da cidade, a migração de pessoal qualificado vindo de outros estados e do exterior, a alta concentração de renda e os índices de incidência de pobreza (43,17%), temos que relativizar a avaliação positiva desses resultados.

A povoação do município se deu nos inícios do século XVII, período de dominação holandesa sobre Pernambuco e de fortes confrontos com os franceses no Maranhão. O Ceará, e Fortaleza em particular, se encontravam a meio caminho das duas cidades e dispunha de condições para que os navios atracassem, especialmente na região hoje denominada de Mucuripe. Por aqui passaram Jerônimo de Albuquerque, em direção ao Maranhão, mas também franceses e holandeses durante o longo período de conflitos entre estes, os portugueses e as tribos indígenas que habitavam a região. O primeiro distrito foi criado em 1761, foi elevada à categoria de vila em 1699, a município em 1725 e à categoria de cidade em 1823¹⁶. Conta Dantas (2002) que até final da década de 1940 a entrada de produtos se dava pelo porto de Camocim. Uma estrada de ferro o ligava à cidade interiorana de Sobral, de forma que dali as mercadorias eram distribuídas e se desenvolvia o comércio no estado e com outras unidades da federação. Com a criação do Porto do Mucuripe, em 1950, ocorreriam profundas mudanças que fariam do pequeno núcleo urbano de 48 mil habitantes no

¹⁴ Segundo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a região Nordeste do país ainda ocupa as piores posições, concentrando 61,3% dos municípios com baixo IDH. À respeito veja: <http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=3753>. Consultado em 02/06/2014. Quanto ao estado do Ceará, cuja capital é Fortaleza, dos 184 municípios que compõem o estado, apenas quatro tem um IDH alto, dentre eles Fortaleza (0,754) a mais bem posicionada no ranking estadual. Do total, 131 municípios têm IDH médio e 41 têm taxas baixas de IDH, sendo a taxa mais baixa reportada ao município de Salitre (0,540), Fonte IBGE (2010).

¹⁵ Já a Região Metropolitana de Fortaleza(RMF), engloba 3.782.653 habitantes e 15 municípios: Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba, Aquiraz, Eusébio, Itaitinga, Guaiuba, Maracanaú, Chorozinho, Pacajús, Horizonte, São Gonçalo do Amarante, Pindoretama e Cascavel.

¹⁶ Sobre estes dados históricos e o desenvolvimento da cidade ver: IBGE – Histórico dos Municípios: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=230440>. Consultado em 02/06/2014; também Dantas, Silva e Costa (2009).

início do século XX um importante centro urbano da região Nordeste ao final do referido século (Souza, 2009).

Fortaleza, como diz Silva (2005) era então uma cidade que dava as costas ao mar, olhava o sertão; a área litorânea era o lugar dos pescadores e suas famílias. A praia era o local da pobreza, da simplicidade, habitada por caboclos, mestiços, e Fortaleza era lugar de elites cuja riqueza vinha do sertão, das fazendas, do algodão e do gado. Mas as primeiras décadas do século XX provocariam mudanças nessa organização espacial. Aos poucos e mesmo por força das circunstâncias: a seca, o êxodo rural para o aglomerado urbano, as doenças que se temia seriam propagadas por esses retirantes, levariam a elite fortalezense a descobrir o mar, primeiro como lugar que remetia à saúde: a brisa, os banhos de mar, o ar puro e revigorante; depois como lugar de lazer. E surgiram então as casas de veraneio e os clubes na praia de Iracema; depois mais clubes recreativos de profissionais autônomos, associações, bancos, se espalharam pela região do Meireles e depois, mais anos à frente, ocupariam também a praia do Futuro.

Dantas (2002) vê a transformação de Fortaleza, de cidade associada ao sertão e à pobreza, a uma cidade litorânea com valorização dos espaços turísticos, como decorrente de mudanças no cenário político e econômico nacional que levaram ao abandono do imaginário da seca, pobreza e aridez. Mostra o autor como estas mudanças representaram um abalo no poder das oligarquias locais sustentadas nesse sistema.

Um momento chave nesse processo de mudanças foi o da ascensão ao poder do grupo político formado por elites não mais agrárias e sim industriais, que constituíram o chamado governo das mudanças, em meados de década de 1990. É nesse contexto que o Ceará adere às recomendações das agências internacionais e com recursos do PRODETUR, investe de forma mais arrojada no turismo. Isto ocorre com parcerias entre o governo estadual, o governo federal, o BID e o BNB. Numa primeira etapa foram realizadas obras de infraestrutura com a construção de estradas no litoral leste do estado, chegando à praia de Canoa Quebrada, já desde então uma das mais procuradas do litoral cearense. Na segunda etapa foram realizadas as obras no litoral Oeste, facilitando o acesso à Jericoacoara. O investimento pelo governo do estado do Ceará num forte *marketing* turístico que levou as imagens do Ceará e suas praias para o restante do país segue, segundo Dantas (2002), os modelos internacionais de construção da imagem de um destino turístico.

Hoje Fortaleza é uma cidade consagrada no turismo nacional. Recebeu em 2013 quase três milhões de turistas nacionais e um contingente de turismo internacional ainda

inexpressivo, pois dos 5,7 milhões de turistas estrangeiros que adentraram o país no mesmo ano, Fortaleza não chegou a receber 250 mil visitantes (SETUR, 2013)¹⁷.

As praias consideradas paradisíacas encontram-se no litoral do interior do estado, como Canoa Quebrada, que fica a 140 quilômetros da capital e Jericoacoara, ainda mais distante, a cerca de 350 quilômetros de Fortaleza. Desta forma, os pacotes turísticos normalmente vendem passeios mais curtos para as praias situadas nas imediações de Fortaleza, que permitem viagens de ida e volta no mesmo dia, visitando duas ou três praias por viagem. Ofertam-se passeios a Morro Branco e suas falésias com areias coloridas; a Prainha e suas praias límpidas e tranquilas, mais a oferta de artesanato local de bordados e rendas; em Cumbuco, passeios de buggy nas dunas e prática de esportes como Kitsurf e Windsurf; em Porto das Dunas, onde está localizado o BeachPark, são várias as atrações temáticas

As praias mais distantes, e consideradas mais belas, como Canoa Quebrada e Jericoacoara, necessitam pernoite, tanto pela distância da capital como pelo fato de que as duas localidades ganham uma nova atmosfera quando a noite chega. Os turistas caminham pelas principais ruas onde há um comércio diferente do encontrado em Fortaleza, sobretudo em Jericoacoara. São produtos mais requintados, alternativos, do agrado dos que rejeitam o turismo de massa e os passeios tipo excursão. Fortaleza, por outro lado, ganha na oferta de produtos artesanais: comidas típicas, doces, castanhas, aguardente, bordados e rendas, redes, colchas, mantas e tapetes; bem como produtos industrializados, sobretudo confecções, bolsas e sapatos. Os preços são relativamente baixos para os visitantes da região Nordeste e Norte e muito baratos para quem vem da região Sudeste, o que, evidentemente, é um grande atrativo para visitas à cidade.

A Fortaleza turística fica restrita ao entorno das praias de Iracema e do Meireles, e a praia do Futuro, um pouco mais distante do centro da cidade. Na extensa faixa que cobre as praias próximas ao centro encontram-se a quase totalidade dos hotéis de quatro e cinco estrelas, os principais shoppings centers, o complexo Dragão do Mar de Arte e Cultura, e uma vida noturna bastante agitada, em todos os dias da semana.

¹⁷ Os dados da Secretaria de Turismo do Estado do Ceará (SETUR) informam que dentre os turistas nacionais, os turistas que mais procuram o estado vem da região Sudeste, responsável por 40% das chegadas, seguida da própria região Nordeste, com 36%, Norte e Centro-Oeste com 10% e a mais distante e que menos procura o turismo cearense, o Sul, com 4,7% da chegadas. No turismo internacional, os países emissores com maior número de chegadas a Fortaleza é a Itália (26,63%), seguida de Portugal (20,132%) e Espanha (7,12%); os restantes 46% se distribuem por diferentes países dos cinco continentes. Os municípios mais visitados, partindo de Fortaleza, são Caucaia (14%). Beberibe (9,76%); Aquiraz (8,32%), Aracati (8,22%) e Jijoca de Jericoacoara (3,55%).

Há um comércio ambulante regular que se estabelece no calçadão da avenida beira-mar e outro irregular que se espalha nas bordas do comércio legal. Ali há de tudo: vendedores que apregoam seus produtos caminhando pelo calçadão; outros executam atrações musicais, shows humorísticos improvisados. Enquanto os pintores vendem seus quadros num área própria, isolada da feira de artesanatos, os turistas passeiam e fazem compras, os moradores locais fazem suas caminhadas noturnas, os jovens praticam skate ou patins em meio ao burburinho geral. Ainda que tudo ali pareça tranquilo, harmônico, na verdade esconde muitas tensões: o medo dos ambulantes ilegais de terem suas mercadorias apreendidas, o perigo de assaltos, as disputas por espaços, a insegurança quanto à manutenção do comércio, mesmo que regular, em razão dos constantes boatos de mudanças advindas das reformas para modernização da beira-mar. Nesse processo, os pescadores e familiares que se instalam na região das barracas de venda de peixe, no Mucuripe, são sempre os mais afetados. Quando da última reforma da beira-mar, iniciada em 2013, tapumes foram colocados em toda a área onde eles se instalam, mas eles ali continuam espremidos nos espaços livres que ainda restam.

Quando a noite adentra, após as 22 horas as barracas fecham e a praia se esvazia, ou melhor, perde seu ritmo frenético, e então se pode observar de forma mais nítida jovens meninas caminhando ou postadas ao longo das calçadas, realizando também seu comércio noturno. O turismo sexual é bastante elevado em Fortaleza e a observação indica que a maioria das prostitutas são ainda adolescentes ou muito jovens e constituem um dos problemas gerados pelo turismo em Fortaleza.

Cozumel, a ilha que se reinventa: de vilarejo agrícola a porto de cruzeiros.

A Ilha de Cozumel está situada em pleno Mar do Caribe e a 18 quilômetros do continente, onde se encontra o corredor turístico denominado Riviera Maya, que vai dos municípios de Cancún a Tulum. Estes estão situados, respectivamente, na faixa litorânea que percorre o sentido Norte-Sul do estado de Quintana-Roo, na Península de Yucatán¹⁸. Trata-se de uma ilha privilegiada quanto às belezas naturais, o que a tornou um destino turístico de bastante importância. Seus arrecifes de coral, pertencentes ao

¹⁸ A Península de Yucatán do ponto de vista geopolítico é uma unidade formada por três estados: Yucatán, Campeche e Quintana-Roo. Do ponto de vista biogeográfico é uma área natural à qual se acresce Belize, a região denominada de Petén e áreas circunvizinhas de Chiapas e Tabasco. Trata-se de uma porção de terra que avança sobre o mar do Golfo do México (Oceano Atlântico) e o mar do caribe, abrangendo uma extensão de aproximadamente 1.100 quilômetros de litoral (A respeito veja: <http://www.cicy.mx/sitios/flora%20digital/areaestudio.html>). Consultado em: 22/05/2014.

Sistema Arrecifal Mesoamericano, o mais extenso do hemisfério, com cerca de 900 quilômetros de extensão, costeando México, Guatemala, Belize e Honduras¹⁹, atrai mergulhadores do mundo inteiro. Existe uma rica herança arqueológica, em razão de a ilha ter sido habitada no passado pré-hispânico pelos mayas, até o ano 300 de nossa era (Sánchez y Propin, 2003), quando era, por um lado, um importante porto comercial e, por outro, um centro cerimonial de peregrinação maya bastante procurado.

A bibliografia existente sobre a ilha de Cozumel, sobretudo a referida a historiadores²⁰, informa que a ilha passou por diversos ciclos econômicos, entre o século XIX e XX, alguns de bastante importância para o então território de Quintana-Roo. Ocupou uma posição central no território durante o período áureo da produção do chicle²¹ e da copra²², bem como da exploração florestal, em razão de controle exercido sobre todo o movimento de exportações destes produtos vindos do continente. A queda desses produtos no mercado internacional, ao final da primeira metade do século XX, ensejou o investimento nas atividades turísticas, por parte das elites locais, poderosas famílias que se enriqueceram nos períodos anteriores (Ver Rodrigues, 2012).

Cozumel, ademais, apresenta características particulares quanto ao turismo internacional: é uma ilha, mas desde os anos 1950 tem toda a infraestrutura necessária ao desenvolvimento do turismo²³, contando, desde então, com um aeroporto internacional, portos e estradas, além de uma boa zona hoteleira²⁴.

¹⁹ Para maiores informações vide SEMANARP (1998).

²⁰ Ver Antochiw y César (1991); César y Arnaiz (1998); Antochiw (1998); Ramos (1999); Macías Zapata, (2002, 2004); Santander y Ramos (2011).

²¹ *Tziclit* em maya, o chicle é um látex extraído da árvore do Chicozapote, que ficou conhecido como “árvore do chicle”, encontrada nas selvas dos estados mexicanos de Campeche e Quintana-Roo, a partir do qual se produz a goma de mascar.

²² Fibras do coqueiro usadas para fabricação de cordames, selaria e outros.

²³ Informam Santander y Ramos (2011, p.19) que entre 1940 e 1950 Cozumel era um pequeno povoado que não ultrapassava 2.500 habitantes, com uma economia que passara a depender do tráfico marinho. Entretanto, foi como parte da estratégia de defesa estadunidense e seus interesses no controle da área, sobretudo sobre o canal do Panamá, que se construiu um aeroporto de grandes dimensões em Cozumel. A existência de hotéis se deveu à procura que a ilha passou a ter por parte de turistas americanos de alto poder aquisitivo, em razão da divulgação das belezas e particularidades da ilha naquele país; procura que cresce na década seguinte, após a revolução cubana (Santander y Ramos, 2011, p.21).

²⁴ Quando da pesquisa, constatou-se que Cozumel contava com 10 agências de viagens, 41 *dives*, sendo que o número real era bem maior se agregarmos os existentes acoplados aos hotéis. Os dados de observação mostraram a existência de um expressivo comércio na zona turística urbana, direcionado ao turista. Predominavam as lojas de artesanato e produtos variados como perfumes, relógios, óculos e charutos (16 lojas grandes e 67 pequenas). Em seguida, as joalherias (16 de grande porte e 42 formadas por lojas médias e pequenas). Eram 23 os restaurantes de padrão médio a alto. Existiam, ainda, duas grandes lojas *duty-free* dedicadas à venda de perfumes, cremes, e relógios, 65 lojas de roupas e pontos de vendas de passeios turísticos situados na saída do atracadouro central de barcos de passageiros (14), além dos pontos de venda de passeios turísticos localizados nos arredores da praça central e do atracadouro. Outros comércios eram os de alimentos (mercearias), aluguel de carros (10), além das barracas situadas à

A infraestrutura existente está preparada para atender a demanda de até oito cruzeiros aportados na ilha ao mesmo tempo, quando até vinte mil turistas, além da tripulação, podem descer a terra em um só dia. Como ocorreu em fevereiro de 2012, quando a ilha atingiu um *record*, na última semana do mês, com uma recepção total de 24 cruzeiros, representando cerca de setenta mil passageiros e a expectativa de uma entrada de aproximadamente quatro milhões de dólares²⁵. Para março esperava-se um aumento do número de embarcações, para 27, com a previsão de oitenta mil passageiros a bordo e o ingresso de seis milhões de dólares²⁶.

Para uma ilha como Cozumel, a vida cotidiana segue os ritmos dos cruzeiros: as atividades produtivas e a economia local; o trabalho e o ócio; a hora de abrir ou fechar as lojas, restaurantes, clubes de praia, segue os horários de chegada e partida dos cruzeiros; o ritmo do trabalho, guiado pelo tempo das embarcações, se propaga por toda a cidade e se expressa no movimento intenso dos taxis que lotam as ruas desde muito cedo em dias de cruzeiros; o som das portas das lojas que se abrem, a música que é posta a tocar nos centros comerciais, bares e restaurantes; os movimentos das pequenas embarcações nas *caletas* e atracadouros, se preparando para levar turistas a *snorkear* e mergulhar; a pressa e ansiedade dos empregados das pequenas empresas que se instalam em quiosques de frente ao atracadouro central, na praça e nas esquinas da beira-mar, todos competindo entre si na venda de diferentes passeios. A competição é intensa, uma vez que a maioria dos turistas que desembarcam dos cruzeiros compra suas excursões em terra no próprio navio, por meio das operadoras que a ele estão associadas. Desse modo, aos pequenos empresários pouco sobra dos lucros advindos dos passeios.

Quanto aos turistas, todos também se preocupam com o tempo e o que é possível fazer nesta curta estadia na ilha, das nove da manhã às cinco da tarde. Um giro pela ilha, visitando os pontos mais atrativos? Uma visita ao sítio arqueológico e em seguida compras no centro urbano? Um passeio de lancha até Tulum, no continente, visitando suas famosas ruínas arqueológicas? Um dia de repouso em um dentre os muitos clubes de praia? Passar o dia inteiro fazendo compras, caminhando pela beira-mar? Praticar mergulho por algumas horas? A escolha, certamente, também é espaço-temporal.

margem da praia, com bares e restaurantes e três danceterias. Os clubes de praia, situados na zona Sul, na parte ocidental da ilha, eram 11 e seu público majoritário era formado pelos turistas de cruzeiros.

²⁵ Ver: http://www.quequi.com.mx/2104_cozumel/1486948-desciende-arribo-de-cruceros.html. Consulta em: 10/03/2012.

²⁶ Ver: <http://www.vocero.qroo.gob.mx>. Consulta em 05/03/2012. "Recibirá Cozumel alrededor de 130 cruceros durante marzo informa la APIQROO".

Para quem trabalha, este mesmo tempo significa a luta pelo salário, muitas vezes constituído apenas por gorjetas, como é o caso de grande parte dos clubes de praia. A labuta dos operadores de agências de turismo por comissões também é grande e estes não hesitam em dividi-las com seus parceiros em atividades conectadas; dentre os comerciantes e empregados postados na parte exterior das lojas, alguns, sentados, apregoam a qualidade de suas mercadorias, outros buscam os clientes nas ruas e os levam quase à força para o interior das lojas e restaurantes. O tempo é muito curto para garantir a sobrevivência, o pagamento dos aluguéis e taxas, para, ao final, quem sabe, obter um excedente que o ajude a progredir um pouco.

A ilha está, ainda, sujeita ao tempo dos *ferry*, o que agudiza a própria sensibilidade dos habitantes quanto ao fato de que vivem em uma ilha. Houve momentos de conversa com os moradores, aqueles com os quais construí uma relação de maior proximidade, que eu percebia que eles eram acometidos de uma sensação de incômodo e opressão quando se davam conta de algo muito particular da vida cotidiana em Cozumel: o fato de que desde as dez horas da noite até as oito horas do dia seguinte, todos se encontravam totalmente ilhados. Quando sai o último transbordador e a última embarcação de passageiros, ninguém entra ou sai da ilha, a menos que tenha uma embarcação própria, o que é difícil para a média dos moradores. Isto revela o quanto é importante o controle do espaço numa ilha, tanto o espaço terrestre como o marinho.

Às distintas configurações que o turismo adquiriu em Cozumel ao longo do tempo, também correspondem distintas formas de controle, poder e percepção espaço-temporal; assim como de orientação da vida cotidiana em acordo com o ciclo diário fixado pelos limites espaço temporais colocados pelos *ferry*, balsas e cruzeiros.

Jericoacoara: o paraíso descoberto, transformado e mercantilizado

Em 2010 eu escrevi um texto onde apresentei uma descrição de Jericoacoara (Rodrigues, 2010) que reproduzo a seguir com as devidas atualizações dos dados e algumas alterações que julguei necessárias para melhorar a clareza do texto e o entendimento sobre a referida localidade. Após essa descrição exponho dados sobre a Jericoacoara atual trazidos dos trabalhos de campo iniciados em 2013, com uma pesquisa exploratória, e intensificados em fevereiro de 2014:

“Em meados da década de 1980, a mídia televisiva mostrou ao Brasil, em cadeia nacional, as belezas da praia de Jericoacoara e a pequena aldeia construída sobre a areia, habitada por famílias de pescadores que ali residiam há décadas, a localidade chamou a atenção dos espectadores pela beleza e pelo isolamento. Apenas os amantes da aventura se sujeitavam a transitar durante horas por estradas de terra batida, chamadas “carroçal”, balouçando na carroceria de um caminhão, ou, se tivesse sorte, de uma caminhonete com tração nas quatro rodas; atravessando areia e cursos d’água. O caminhão balançava e um lado a outro da estrada e os passageiros se agarravam uns aos outros a cada curva mais acentuada que parecia prestes a atirar todos para fora.

Chegar a Jijoca, um pequenino vilarejo composto de casas esparsas, era a primeira parte da viagem. Dali até a praia de Jericoacoara era necessário percorrer mais 25 quilômetros de areal, atravessando caminhos ora planos, ora acidentados, por entre corredores de dunas, em veículos com tração nas quatro rodas, que à época se restringiam a algumas caminhonetes toyota, muito antigas, de propriedade de poucos moradores da região que viam no afluxo de turistas uma oportunidade de ganho extra. Não havia luz elétrica em Jericoacoara, mas após a reportagem veiculada pela TV em 1985, algumas pousadas começaram a se instalar enfrentando a dificuldade que era transpor o areal para construir e para abastecer a localidade de alimentos e água potável. Não havia lojas, farmácias, posto de saúde, escola, igreja, posto policial ou qualquer outro indicativo da presença do poder público.

Assim, aqueles que se aventuravam a conhecer o pequeno vilarejo e sua magnífica praia se alojavam nas casas dos moradores, alugando redes que se espalhavam pelas salas, quartos e varandas; a água era retirada das cacimbas por meio de bombas d’água manuais; as refeições seguiam um cardápio invariável: no café da manhã havia pão com manteiga e leite, no almoço e jantar o prato único composto de baião, peixe frito e fatias de tomate. Não havia luz elétrica e à noite a diversão era o forró local. Na maré baixa a extensão de praia coberta por areia era tal que só se divisava muito, muito ao longe o quebrar das ondas.

O número reduzido de turistas fazia com que se sobressaíssem as atividades rotineiras dos nativos, denominação dada por eles mesmos e em seguida pelos turistas para designar os moradores da localidade. Era possível ver os pescadores arrumando seus barcos e apetrechos, outros que chegavam do mar, outros que puxavam as redes e espalhavam-nas pela areia com os peixes ainda pulando em seu interior numa tentativa infrutífera de sobreviver. Cavalos montados por nativos trotavam tranquilamente pelas areias ou subiam as encostas em direção ao serrote de Jericoacoara, de forma que do lombo do cavalo se avistava toda a extensão de praia e mar dezenas de metros abaixo. Alguns nativos, percebendo o interesse dos visitantes em chegar à pedra furada, local que com o tempo se tornou visita obrigatória aos turistas, alugavam cavalos para fazerem o trajeto pelo serrote, único caminho possível quando a maré estava alta.

Passados mais de trinta anos a pequenina localidade de Jijoca se transformou em município, agora denominado Jijoca de Jericoacoara. Com população de 17.002 habitantes (IBGE, 2010)²⁷ o município tem o turismo como principal atividade econômica, seguido pela agricultura: comercialização abundante de castanha de caju e plantações de milho, feijão, farinha de mandioca, como parte da agricultura de subsistência. O comércio se volta principalmente a restaurantes, pousadas, lanchonetes, bares, mercantil, lojas de confecções e moda praia. Na produção artesanal se destaca o crochê. A pesca vem citada no *site* da prefeitura em último lugar, com a informação de que ela também ajuda no desenvolvimento econômico do município, o que mostra a inversão em relação ao período anterior em que agricultura de subsistência e a pesca predominavam.

Hoje, a pequena aldeia de pescadores da praia de Jericoacoara transformou-se: a área foi demarcada pelo IBAMA como Área de Preservação Ambiental (APA), o que, em teoria, impede a existência de novas propriedades além

²⁷ Dos 17.002 habitantes de Jijoca de Jericoacoara, 32,7% ocupam a área urbana e 67,3% a área rural. Por estes números não se sabe os números exatos da população da praia de Jericoacoara. Entendo que, dada a taxa elevada de população em área rural, os habitantes de Jericoacoara estejam aí colocados. As pesquisas de campo indicaram que existe uma forte sazonalidade (residentes estrangeiros, sobretudo europeus, que passam o verão na Europa e o inverno no Brasil). Também há moradores por temporadas de três a seis meses, de forma que, conforme dados coletados no posto de saúde local, a população fixa não ultrapassa mil e quinhentas pessoas, dobrando este número na alta temporada.

dos limites territoriais demarcados. O lugarejo conta com 76 pousadas e hotéis, alguns de alto padrão e com parte da praia praticamente privativa de seus hóspedes. Poucos são os moradores nativos que não venderam suas moradias, a maior parte por preços irrisórios, a uma quantidade sempre crescente de brasileiros e estrangeiros que ali se instalam para explorar o turismo. Pousadas, bares, lojas de artigos os mais variados, desde moda praia e produtos artesanais, até finas lojas de roupas, decorações e joias. Restaurantes para todos os gostos e recursos; uma boa rede de serviços, desde o aluguel de quadriciclos e *buggies*, a oferta de roteiros turísticos com veículos apropriados que saem de Jeri e vão até o Delta do Paranaíba ou mesmo aos Lençóis Maranhenses; até as grandes lavanderias, os espaços alternativos de massagens e estética, bem como a presença crescente de profissionais liberais na área de odontologia, terapias e advocacia²⁸.

Manteve-se o traçado original das ruas que, sem calçamento algum, continuam a ser um grande atrativo para os visitantes e a reminiscência de um “primitivismo paradisíaco” anunciado pelas grandes agências de viagem. A grande duna, situada de frente à praia e à esquerda do vilarejo, continua atendendo ao ritual diário da subida de turistas até o cimo para ver o por do sol. Seguem-se acrobacias de jovens que com pranchas de surf ou pequenas tábuas deslizam do topo à base da duna, além daqueles que extasiados se lançam em corrida ou rolam o corpo em voltas seguidas até atingir o chão. Hoje, entretanto, é uma duna deformada que aos poucos vai se espalhando pelas laterais; a areia caindo lentamente após tantas subidas e descidas de turistas entusiasmados, dando a impressão que, mais cedo ou mais tarde, aquela montanha de areia se espalhará pelos quatro cantos, dela restando uma grande área achatada, cada vez mais plana. De frente à praia, a extensão a percorrer para atingir o ponto onde as ondas quebram, que era imensa, misteriosamente parece ter se reduzido drasticamente. Talvez devido à subida dos níveis do mar, provavelmente acrescido do avanço dos

²⁸ Levantamento feito em fevereiro de 2014 registrou a existência de: 43 restaurantes, entre simples, médios e sofisticados (apenas 04 são muito simples, tipo “prato-feito”); 20 lanchonetes, 03 padarias, 42 lojas de artigos de confecção (inclusive artigos de praia); 04 lojas de calçados e bolsas; 21 lojas de artesanato e 02 joalherias; 02 lojas de bijuteria e 22 agências de viagem e passeios turísticos, tanto na redondeza como passeios mais longos fazendo o circuito do Rota das Emoções, até Barreirinhas e mesmo São Luiz, no Maranhão.

investidores sobre a praia original na ânsia de produzir melhor atendimento ao turista e auferir mais lucros. Os bares, as lojas, as pousadas com seus quintais voltados para o mar, os restaurantes espalhados por boa extensão da areia, certamente modificaram as condições originais; tanto que hoje foram construídas barreiras de pedra que tentam conter o avanço da maré e acabam criando uma área lodosa e mal cheirosa. Após a baixa da maré, nos primeiros cinquenta metros de caminho para a praia, a paisagem destoa daquela que se encontra quando se afasta cada vez mais do vilarejo. Até o caminho que leva de Jijoca a Jericoacoara se modificou. O chão está mais firme, a areia parece que a ele aderiu, pequenas elevações de areia foram se aplainando, a vegetação rasteira perdeu a exuberância, tantas são as travessias. Em janeiro de 2008 as lagoas mais famosas do município, a Lagoa Azul e a do Paraíso, estavam praticamente secas. Isto fez com que os agentes turísticos, em busca das lagoas ainda preservadas, direcionassem os clientes para Tatajuba.”

Quando fiz esta descrição, no ano de 2008, eu elaborava o projeto que redundou numa pesquisa sobre os efeitos do turismo e das políticas públicas para o desenvolvimento do turismo na região do extremo oeste do litoral do Ceará. Desenvolvo desde então este projeto em etapas sucessivas, realizando estudos etnográficos nas localidades que se encontram no trajeto do roteiro turístico denominado *Rota das Emoções*, que tem Jericoacoara num polo e Barreirinhas, Maranhão, no outro.

Resolvi iniciar a pesquisa por Tatajuba uma vez que ali detectamos um grande conflito fundiário entre os moradores da localidade e uma empresa que desde 2002 reivindicava a propriedade da terra habitada por mais de oitocentas pessoas, 180 famílias, há quase um século. Jericoacoara ficou para ser pesquisada posteriormente em razão de já ser um destino turístico consolidado, com as características acima descritas, que a tornavam procurada por um público específico, sobretudo europeus, e também porque eu considerava que a questão da terra ali já era um problema ultrapassado uma vez que a maior parte dos antigos moradores já havia vendido suas terras a pequenos investidores da capital do estado, de outros estados e do exterior.

Por razões que não consigo explicar, mas que sempre considerei achados inesperados e oportunos da pesquisa de campo, quando iniciamos os trabalhos de pesquisa na localidade, em 2014, os moradores de Jericoacoara estavam em alvoroço

em razão da notícia sobre uma parceria público-privada que estava sendo proposta pelo Mtur. A intenção do governo é entregar o Parque Nacional de Jericoacoara à gestão de grupos privados, uma vez que, como argumentavam os técnicos do governo, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), não dispõe de recursos humanos e financeiros suficientes para realizar a sua gestão com vistas à preservação. Uma audiência pública foi realizada em 12 de fevereiro de 2014 com o intuito de apresentar a proposta aos interessados e a polêmica desde então está colocada.

Dizem os moradores que a proposta de parceria público-privada na verdade significa a privatização de Jericoacoara, já que prevê o cercamento do Parque, colocação de cancelas, com controle dos que ali adentram, e cobrança de taxas.

Um grande problema está colocado para os moradores do município em razão das características muito especiais de Jericoacoara. Ela é parte do Município de Jijoca de Jericoacoara, mas encontra-se totalmente ilhada. Para acessá-la é necessário, chegando ao município de Jijoca, atravessar aproximadamente vinte quilômetros de área de areia batida, areia fofa, dunas e vegetação rasteira que formam o Parque Nacional de Jericoacoara. Quem chega de carro muitas vezes o deixa em estacionamentos que ali existem apenas para abrigar os veículos durante o período de estada do proprietário em Jericoacoara. Outros, que chegam de ônibus, valem-se das caminhonetes que circulam o tempo todo pela cidade procurando turistas e moradores interessados em ir para Jericoacoara. Na verdade, a sede do município tem uma clara dependência do turismo que se realiza em Jericoacoara, embora disponha também de atrativos naturais, sendo o principal a Lagoa da Jijoca. Mas o destino turístico principal é, sem dúvida, Jericoacoara e há um trânsito constante de moradores entre as duas localidades, seja para estudo, lazer, comércio, transações financeiras (Jericoacoara ainda não dispõe de agência bancária ou terminais eletrônicos). Este é um grande problema que se coloca à implantação da parceria e controle do Parque: como será possível preservar a comunicação entre a sede do município e a vila? Ademais, grande parte da população do vilarejo é flutuante, o que dificulta um possível cadastramento de moradores.

Ponto mais polêmico ainda é a previsão de construção de hotéis e restaurantes em região de dunas (de forma sustentável, é claro!), além de equipamentos turísticos nos pontos mais procurados do vilarejo, como a Pedra Furada, onde está prevista a colocação de escadas e passarelas de acesso, sendo que o grande atrativo para o público atual que a frequenta é exatamente a natureza intocada do lugar. Entende-se, então, que o projeto não é feito para o público atual, mas para um público mais seletivo,

evidentemente que trará mais recursos e lucros aos investidores e que se encaminha muito mais a atender um turismo de massas já que foi construído um aeroporto num município próximo, Cruz, com capacidade para o pouso de aviões de grande porte, ainda não em funcionamento.

Enfim, os acontecimentos mais recentes indicam mudanças profundas na configuração do turismo em Jericoacoara, colocam questões que pedem a discussão sobre a relação entre turismo, populações e ambiente, e o acompanhamento dos acontecimentos possibilitará um melhor entendimento do processo pelo qual está se dando o incentivo ao turismo no país.

Considerações sobre o material apresentado

Para realizar uma apreciação dos dados apresentados sobre as quatro cidades aqui referidas, será necessário retomar algumas das questões que coloquei ao início do tópico anterior: Como definir cidades turísticas? Que características específicas, semelhanças e diferenças revelam? Em que medida é possível fazer uma tipologia que contribua para os estudos sobre turismo em espaços urbanos?

Em primeiro lugar, observo que cidades turísticas são aquelas que permitem ao que vem de fora viver uma ou mais das principais dimensões que compõem o fenômeno turístico.

Entendo como elementos mais recorrentes para a caracterização do fenômeno turístico: 1) Lazer e descanso, em oposição à vida laboral; 2) consumo de espaços e lugares²⁹: por sua história, seus monumentos, sua geografia ou paisagens, sua arte local, mas também sua arte clássica ou erudita; 3) Experiência no contato com espaços, lugares, situações, pessoas, produções materiais e culturais, modos de vida; 4) Encontros: com o exótico e, por meio dele, o olhar sobre si mesmo, o encontro ou reencontro com sua identidade pessoal e cultural; também o encontro com o sagrado, esteja ele referido à dimensão religiosa, mítica ou profano/simbólica; 5) Fluxos: o turismo tem como premissa um deslocamento espacial e, portanto, movimentos de desterritorialização, territorialização e (re)territorialização (Hannerz, 1997).

Considero, também, que a referência a cidades turísticas ou ao turismo em espaços urbanos diz respeito a um conjunto variado, de situações heterogêneas. Abarca

²⁹ Tomo a categoria espaço como diferenciada de lugar, como o faz De Certau (2008) para quem espaço se refere a áreas e limites geográficos enquanto lugar é o espaço praticado, vivido.

das cidades pequenas às grandes metrópoles. Muitas vezes são vilarejos localizados em pequenos municípios, como é o caso de Jericoacoara e da ilha de Cozumel; cidades localizadas nas proximidades de Parques naturais ou com áreas verdes, cascatas, rios, lagos e lagoas; também o caso de Jericoacoara e Cozumel. São cidades que estimulam o chamado turismo ecológico, mas também o esportivo e muitas vezes têm como característica proporcionar formas alternativas de turismo, como é o caso de Jericoacoara, mas não o de Cozumel. No México, a cidade de Tulum e suas praias, assim como a ilha de Holbox, é que portam características semelhantes a Jericoacoara: rusticidade, natureza virgem (ou quase), evocação ecológica de preservação ambiental; todas com algo em comum: terem sido “descobertas” por turistas de aventura, aqueles que fogem ao turismo de massa e que buscam lugares exóticos, isolados, simples e de contato com a natureza; são também localidades que foram e continuam sendo muito procuradas pelos chamados hippies, que normalmente ali se instalam para o comércio de artesanatos, sobretudo bijuterias de fabricação própria.

Outras cidades há – pequenas, medias ou grandes – caracterizadas pela produção material: artesanato, fabricação de produtos normalmente originários da localidade como chapéus, charutos, joias, comidas e bebidas, confecções, danças, cerâmicas. É o caso de Fortaleza, mas não o de Cancún e Cozumel, que vendem artesanato e produtos típicos de diferentes regiões do México, mas não têm elas mesmas algum produto típico, porque são cidades que não nasceram para produzir e sim para vender.

Como ponto comum, estas cidades têm um produto a ser ofertado ao estrangeiro, único ou não, mas que atraem o interesse e o desejo de serem experienciadas. Ou seja, o turismo pode ser visto como o consumo de uma experiência a ser vivida na condição de turista. A noção de experiência é então fundamental, porque esta sim pode ser considerada única. Estas cidades também têm em comum o fato de que criam uma demanda diversificada: por lazer, conhecimento, atividades culturais, busca de produtos materiais específicos, desde os manufaturados locais – bebidas, móveis, comidas, confecções, artigos de couro, barro, vidro ou madeira –, objetos artísticos, etc. Esta característica é muito presente em Fortaleza, mas não em Cozumel, Jericoacoara ou Cancún, ainda que todas realizem comércio de produtos diversos.

Aspectos comuns às cidades voltadas ao turismo, como a toda experiência turística, é que, de alguma forma, o turista sempre entra em contato com a dimensão do sagrado: movido pela fé, no caso das festas, peregrinações, procissões e romarias religiosas; ou na admiração e respeito prestado às obras e artistas, no caso das visitas a

museus de arte, residências de artistas; mas também na de políticos, religiosos, revolucionários e outras figuras icônicas que já morreram e que são representativas de uma época e/ou de eventos marcantes, sendo, portanto, também históricas e o sagrado está nesse contato com o passado, como bem expõe Augé (2003). A busca do contato com o sagrado também se manifesta nas visitas a templos, igrejas e lugares sacros. Mas o sagrado pode ser vivido também no contato com a natureza como cataratas, fenômenos naturais únicos como a pororoca, no Brasil, ou gêiseres, no deserto do Atacama. Além do mais, os produtos turísticos que de alguma ganham o caráter de únicos, sempre têm uma referência ao exótico, como bem foi abordado por toda a literatura na área da antropologia do turismo.

Como diferenças, destaco o porte dessas cidades – pequenas, medias ou grandes –, mas a comparação entre as cidades estudadas não se mostraram centrais para pensar uma caracterização do ponto de vista da classificação do ponto de vista do turismo. Cidades grandes como Cancún e Fortaleza estão sujeitas ao aumento da violência, da prostituição e do consumo e tráfico de drogas, em razão do turismo, tanto quanto as pequenas, Jericoacoara e Cozumel, variando, talvez, quem sabe, a escala em que estes fenômenos se apresentam.

Diferenças quanto à localização vão repercutir na demanda pela cidade, na sazonalidade advinda das particularidades locais, no tanto de isolamento ou não em relação a grandes centros urbanos; e, quanto a este aspecto, isolamento, dirá sobre as condições de vida colocadas ao turista. Isto fica ainda mais claro quando os países a serem visitados estão situados em regiões pobres, como o caso da Índia e mesmo de muitas ilhas do Caribe, bem como regiões das metrópoles turísticas, como é o caso de Fortaleza, Rio de Janeiro ou Cidade do México, lotadas de favelas. Ou, ainda, a situação de violência, como é o caso das cidades retro referidas, e mais Cancún.

Assim, das observações feitas sobre o material de pesquisa coletado, penso que o grande elemento diferenciador no esforço de classificação produtiva para a análise é o aspecto economia. Considero este aspecto central porque tem um indicativo analítico importante: a situação de risco vivida por estas cidades. Considero que há diferenças no risco para a economia local quando é experimentado por *cidades turísticas*, referindo-me às que têm o turismo como uma atividade importante, como é o caso de Fortaleza, que tem uma economia diversificada onde o turismo ocupa um lugar importante, mas não crucial, e quando é experienciado por *cidades turistificadas*, forma como denomino as cidades criadas para o turismo, como é o caso de Cancún, ou onde o turismo se

tornou a atividade econômica central, às vezes praticamente a única atividade relevante, como é o caso de Cozumel e Jericoacoara. Nesse sentido, concluo com a afirmação que *ciudades turistificadas* são cidades de economia de risco, pois podem ser abaladas por qualquer situação – crises políticas, econômicas, sociais e ambientais – nos países emissores de turistas que levem à diminuição ou estagnação da demanda turística.

Referências bibliográficas:

ANTOCHIW, Michel. *Cozumel, padrones y poblamiento*. Cozumel, Mx: Fundación de Parques y Museos de Cozumel, 1998, 89 p.

ANTOCHIW, Michel y CÉSAR DACHARY, Alfredo. *Historia de Cozumel*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1991, 413 p.

AUGÉ, Marc. *El tiempo en ruínas*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

BECKER, Bertha K. Políticas e planejamento do turismo no Brasil. *Caderno Virtual de Turismo*, Vol. 1, N° 1, 2001.

BENI, Marcos Carlos. *Política e Planejamento de Turismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Aleph, 2006.

CÉSAR DACHARY, Alfredo y ARNAIZ B., Stella M. *Cozumel. Los años de espera*. Cozumel, Mx: Fundación de Parques y Museos de Cozumel, 1998, 159 p.

CLANCY, Michael. *Exporting Paradise. Tourism and development in México*. London: Pergamon Press, 2001.

DANTAS, Eustógio W.C. Construção da imagem turística de Fortaleza. *Mercator*, ano 1, nº1, 2002 (p.53-59).

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano. Vol 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008, 14ª edição.

EL ALAOU, Françoise. Expansión del turismo mundial y alternativas éticas. In: ____ *et al. Turismo hoy: ganadores y perdedores. Alternativas meridionales*. Madrid: Editorial Popular, 2007.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, vol.3, n.1, Rio de Janeiro, abril/1997.

KADT, Emanuel de. Introducción. In: KADT, Emanuel (coord.), *Tourisme. Passeport pour le Développement? Regards sur les effets culturels et sociaux du tourisme dans les pays en développement*. Paris: UNESCO/Banque Mondiale, Editions Economica (p 3-33), 1979.

LARA GAITÁN, Alfredo E. Fernández de. Cap.2 Las contradicciones socioambientales de un desarrollo turístico integralmente planeado: 1970-2000. In: MACÍAS RICHARD, Carlos; PÉREZ AGUILLAR, Raúl Aristides. *Cancún: los avatars de una marca turística global*. México: Bonilla Artigas Editores ; Universidad de Quintana Roo ; Conacyt, 2009.

LOPEZ SANTILLÁN, Àngeles; MARÍN GUARDADO, Gustavo. Turismo, capitalismo y producción de lo exótico. Una perspectiva crítica para el estudio de la mercantilización del espacio y la cultura. *Relaciones*, 123, vol. XXXI, p. 219-258, 2010.

MACÍAS ZAPATA, Gabriel Aarón. *La península fracturada. Conformación marítima, social y forestal del Territorio Federal de Quintana-Roo. 1884-1902*. México, DF: CIESAS/ Miguel Ángel Porrúa, 2002, 334 p.

_____.El vacío imaginario. Geopolítica de la ocupación territorial en el Caribe oriental mexicano (coordinador). México, DF: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), 2004, 460 p.

MEETHAN, Kevin (2001) *Tourism in global society: place, culture, consumption*, New York: Palgrave.

MOWFORTH, Martin; MUNT, Ian. *Tourism and sustainability. New tourism in the Third World*. New York: Routledge, 1998.

MOWFORTH, Martin; CHARLTON, Clive; MUNT, Ian. *Tourism and Responsibility: perspectives from Latin America and the Caribbean*. Abingdon, Oxon, UK: Routledge, 2008.

PI-SUNYER, Oriol; BROOKE, Thomas R.; DALTABUIT, Magalí. *Tourism in the Maya Periphery*. In: SMITH, Valene L.; BRENT, Maryann (edit.), *Hosts and Guests Revisited: tourism issues of the 21 St. Century*. Chico, CA: California State University, 2001.

RAMOS DÍAZ, Martín. *Cozumel vida porteña, 1920*. México, DF: Universidad de Quintana-Roo/ Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología / H. Ayuntamiento de Cozumel/ Fundación de Parques y Museos de Cozumel, 1999 p. 130.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (2006) “Turismo e territorialidades plurais – lógicas excludentes ou solidariedade organizacional”. In: LEMOS, A. I. G. et al (Orgs) *América Latina: cidade, campo e turismo*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: USP, 2006.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Antropologia e políticas públicas de incentivo ao turismo: paradigmas e proposições teórico-metodológicas para esse diálogo. In: _____. RODRIGUES, Lea; MORENO, Isidoro; RUBEN, Guilherme; PALENZUELA, Pablo (Orgs.). *Trabalho, políticas públicas e estratégias empresariais*. Fortaleza: MAPP/Expressão Gráfica e Editora, 2010, p. 109-144.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Turismo, poblaciones tradicionales y territorialidad en la costa noreste de Brasil. In: GUZMAN CHÁVEZ, Maurício Genet; JUÁREZ BOLAÑOS, Diego (eds.). *En busca del ecoturismo. Casos y experiencias del turismo sustentable en México, Costa Rica, Brasil y Austrália*. México: Ediciones Éon : El Colégio de San Luis, 2013.

SANTANDER, Luis Carlos y RAMOS DÍAZ, Martín. El nacimiento de un destino turístico en el Caribe Mexicano. Cozumel, de Isla abandonada a puerto de cruceros, *El periplo sustentable*, nº 21, julio a diciembre/2011.

SILVA, José Borzacchiello. *Nas trilhas da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005 (2ªed.)

SOUZA, Maria Salete. Cap.1 Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, Eustógio W.C.; SILVA, José Borzachiello; COSTA, Clélia M.L. *De cidade a metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza*. Fortaleza: Edições da UFC, 2009.

SOYAMA, Paula (2006) *Comunidades locais são pouco beneficiadas com megaprojetos*. *Ciência e Cultura*, vol.58 no.3 São Paulo July/Sept.

UNTWO. World Tourism Barometer, vol.12, april/2014.